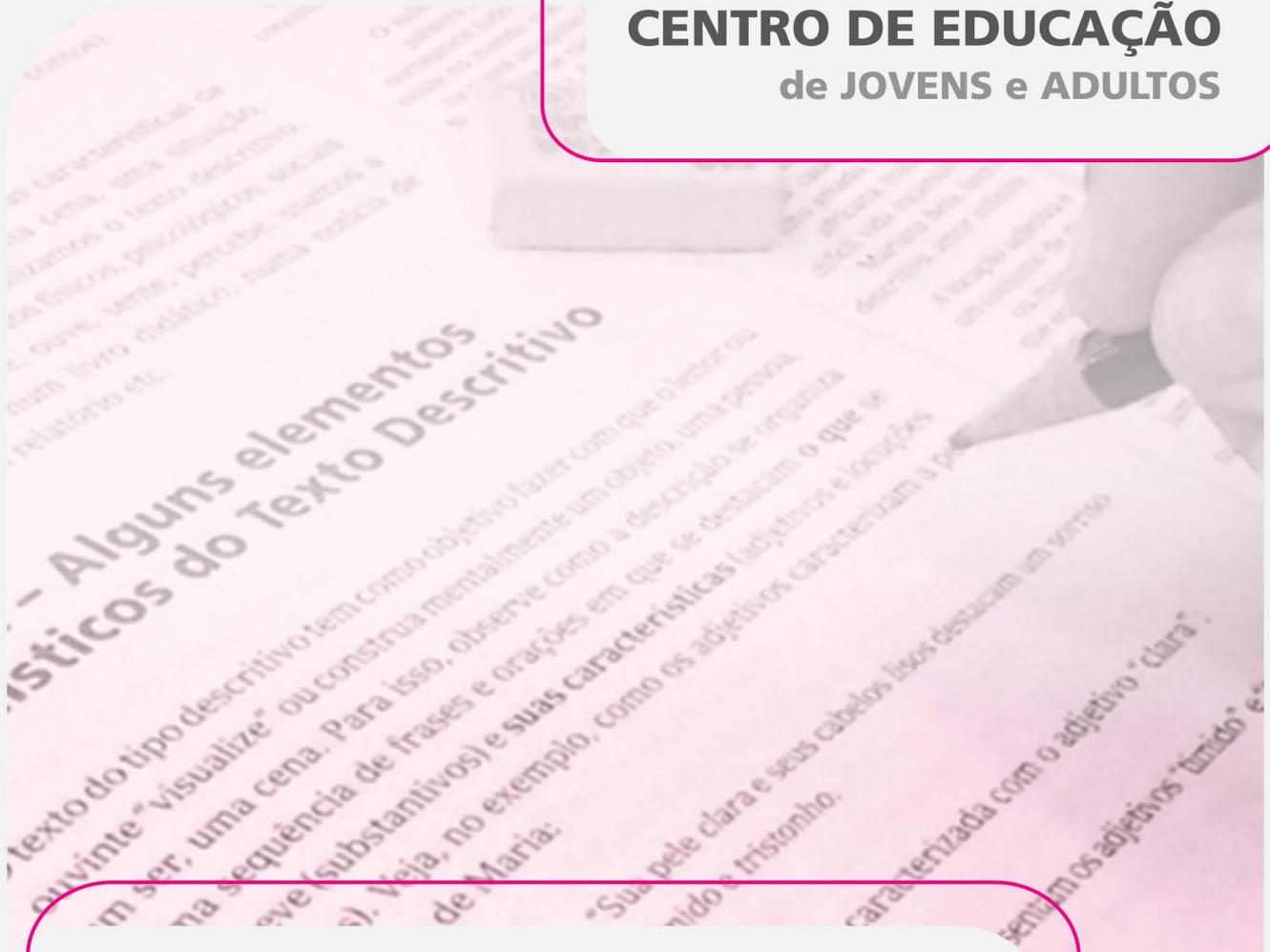


CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS



LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Edição revisada 2016

Fascículo 5
Unidades 11, 12, 13 e 14

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador
Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado
Gustavo Reis Ferreira

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado
Antônio José Vieira de Paiva Neto

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Carlos Eduardo Bielschowsky

FUNDAÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de
Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração

Carmen Pimentel

Julia Fernandes Lopes

Marco Antônio Casanova

Monica P. Casanova

Atividade Extra

Janaina de Oliveira Augusto

Julia Fernandes Lopes

Maria da Aparecida Meireles de Pinilla

Roberta Campos de Carvalho Pace

Revisão de Língua Portuguesa

Julia Fernandes Lopes

Coordenação de Design Instrucional

Flávia Busnardo

Paulo Miranda

Design Instrucional

Flávia Busnardo

Lívia Tafuri Giusti

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Capa

André Guimarães de Souza

Projeto Gráfico

Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades

[http://www.sxc.hu/browse.](http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=view&id=992762)

phtml?f=view&id=992762 – Majoros Attila

Diagramação

Equipe Cederj

Ilustração

Bianca Giacomelli

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Jefferson Caçador

Sami Souza

Produção Gráfica

Verônica Paranhos

Sumário

Unidade 11 | Vamos ler o mundo? 5

Unidade 12 | Entendendo melhor o jornal 35

**Unidade 13 | A vida da notícia e a argumentação
em textos de opinião 63**

**Unidade 14 | O espírito e a alma de um jornal:
rumo aos editoriais 91**

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



O espírito e a alma de um jornal: rumo aos editoriais

Fascículo 5
Unidade 14

O espírito e a alma de um jornal: rumo aos editoriais

Para início de conversa...



Um jornal é muito mais do que a sua primeira capa e do que os seus cadernos particulares. Ele não é apenas um conjunto de fatos coletados a partir dos acontecimentos diários. Um jornal também tem um espírito, uma posição própria em relação aos eventos do dia a dia, assim como uma linha editorial central e uma perspectiva editorial em cada um de seus blocos.

É por isso que podemos falar de jornais mais ou menos conservadores, mais ou menos progressistas, mais ou menos independentes.

Quem define as linhas mestras de um jornal, por sua vez, é justamente o seu editorial. É no editorial que se encontra a alma propriamente dita de um jornal, porque é no editorial que se constituem as suas tendências mais específicas.

O editorial define, por exemplo, o alinhamento ou o afastamento entre o jornal e o governo, o apoio ou a crítica a certos setores da sociedade, a visão geral de nossos avanços e de nossas dificuldades econômicas, culturais, políticas, científicas entre outras.

Mas a posição central do jornal não nasce da pura e simples vontade do editor. Ao contrário, ela tem muito em comum com as pessoas que leem o jornal. Não há como determinar o que vem antes, mas um jornal tem sempre a cara de seus leitores.

Bem, mas o que significa um editorial? Como é que um editorial realiza as suas tarefas?

O editorial é antes de tudo um tipo de texto. Nele, o editor de cada caderno expõe a posição central do jornal em relação a certos acontecimentos, de tal modo que acaba por orientar a posição dos outros jornalistas responsáveis por compor os conteúdos específicos de cada edição. Ele é uma espécie de norte, pelo qual cada parte do jornal precisa se orientar.

Como um tipo de texto jornalístico, porém, um editorial tem um modo de conduzir a sua argumentação, de manter a sua coerência e a sua coesão, de apresentar suas posições.

O que faremos nesta unidade é justamente acompanhar o modo de construção dos editoriais, para que se possa perceber como se estruturam os principais textos de um jornal. Afinal, nós queremos dar a você um lugar privilegiado em nosso jornal!



Saiba Mais



Johanes Gutemberg – 1398 a 1468

Johanes Gutemberg foi o grande responsável pela assim chamada revolução da imprensa, um evento considerado por muitos como dos mais importantes da Idade Moderna. Ao aplicar um tipo mecânico móvel (tipógrafo) à produção de obras literárias, ele tornou possível a difusão em massa de livros impressos e de jornais, ampliando as possibilidades educacionais e culturais e levando-as a um número cada vez maior de pessoas. Não há como pensar em nosso mundo sem a invenção de Gutemberg, pois no mínimo ainda não há como pensar o nosso sistema educacional sem os livros em série. Esse sistema de edição tipográfica, que durou até bem pouco tempo com pequenas ou grandes modificações, só foi substituído há pouco tempo com a introdução das máquinas gráficas que funcionam hoje como grandes impressoras.

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer o gênero textual editorial em suas múltiplas formas.
- Analisar o conceito de formalidade e informalidade em um editorial jornalístico.
- Identificar a linguagem utilizada em um editorial jornalístico, tendo em vista sempre o público-alvo do jornal.
- Identificar os traços argumentativos de um editorial.
- Compreender as vozes verbais ativa e passiva, tão presentes nos textos jornalísticos de opinião.
- Identificar a noção de voz passiva sintética.

Seção 1

O editorial e suas muitas faces

Como dissemos de início, um editorial é o lugar onde se define o espírito de um jornal. Na mesma medida em que os textos informativos funcionam como o seu corpo concreto e em que os outros textos de opinião dão contornos mais claros aos traços específicos de seu rosto, é o editorial que se mostra como o responsável por ditar as diretrizes a serem seguidas pelos outros textos de opinião em geral. Nesse sentido, o editorial é a parte mais nobre do jornal, o lugar onde as coisas realmente se decidem.

Como há muitas partes de um jornal, porém, temos dois tipos de editoriais:

- Em primeiro lugar, o editorial geral, que procura expressar a opinião do grupo jornalístico em questão ou da equipe diretora de redação.
- E, em segundo lugar, os diversos editoriais particulares: editorial de política, de economia, de cultura, de esporte, de moda etc.

Cada um desses dois tipos de editoriais possui características peculiares que precisam ser levadas em consideração, para que se possa ter um texto realmente capaz de satisfazer as necessidades de um bom editorial.

Em primeiro lugar, é preciso ter em vista que tipo de editorial está em jogo. No caso do editorial geral, por um lado, não se pode perder de vista para que camada social e cultural o jornal destina-se.

Depois de definir a classe social e o nível cultural do leitor, não se pode parar por aí. É preciso conhecer previamente as opiniões desses leitores, saber se eles são conservadores ou liberais, sondar suas convicções políticas e seus gostos em geral. No caso dos editoriais setoriais, por outro lado, esses cuidados iniciais vêm acompanhados de uma necessidade de definição desses elementos em relação com cada âmbito jornalístico.

Vejamos alguns exemplos:

- Editorial de "O Globo", de 8 de maio de 2012



(<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2012/05/08/roberto-civita-nao-rupert-murdoch-editorial-443966.asp>):

“

Blogs e veículos de imprensa chapa branca que atuam como linha auxiliar de setores radicais do PT desfecharam uma campanha organizada contra a revista ‘Veja’, na esteira do escândalo Cachoeira/Demóstenes/Delta. A operação tem todas as características de retaliação pelas várias reportagens da revista das quais biografias de figuras estreladas do partido saíram manchadas, e de denúncias de esquemas de corrupção urdidos em Brasília por partidos da base aliada do governo. É indisfarçável, ainda, a tentativa de atemorização da imprensa profissional como um todo, algo que esses mesmos setores radicais do PT têm tentado transformar em rotina nos últimos nove anos, sem sucesso, graças ao compromisso, antes do presidente Lula e agora da presidente Dilma Roussef, com a liberdade de expressão (...). Aos poucos, os tais blogs começaram a soltar notas sobre uma suposta conspiração de ‘Veja’ com o bicheiro. E, no fim de semana, reportagens de TV e na mídia impressa chapas brancas, devidamente replicados na Internet, compararam Roberto Civita, da Abril, editora da revista, a Rupert Murdoch, o australiano-americano sob cerrada pressão na Inglaterra, devido aos crimes cometidos pelo seu jornal ‘News of the World’, fechado pelo próprio Murdoch. Comparar Civita a Murdoch é tosco exercício de má-fé, pois o jornal inglês invadiu, ele próprio, a privacidade alheia. Quer-se produzir um escândalo de imprensa sobre um contato repórter-fonte. Cada organização jornalística tem códigos, em que as regras sobre este relacionamento — sem o qual não existe notícia — têm destaque, pela sua importância. Como inexiste notícia passada de forma desinteressada, é preciso extremo cuidado principalmente no tratamento de informações vazadas por fontes no anonimato. Até aqui, nenhuma das gravações divulgadas relativas ao caso Cachoeira indica que o diretor de ‘Veja’ estivesse a serviço do bicheiro, como afirmam os blogs, ou com ele trocasse favores espúrios. Ao contrário, numa das gravações, o bicheiro irrita-se com o fato de municiar o jornalista com informações e dele nada receber em troca. Estabelecem as Organizações Globo em um dos itens de seus Princípios Editoriais: ‘(...) é altamente recomendável que a relação com a fonte, por mais próxima que seja, não se transforme em relação de amizade. A lealdade do jornalista é com a notícia.

”

Editoriais são expressões claras de posições do jornal, posições essas que não precisam ser baseadas em fatos objetivos. O editorial acima interpreta as acusações petistas contra a revista “Veja” de serem acusações motivadas por uma vontade de retaliação, de revide, de vingança pelos casos de corrupção denunciados na revista.

Ao mesmo tempo, ele faz o caso passar por um ataque à liberdade de imprensa. Essa é uma posição defensável a partir dos argumentos apresentados no editorial. No entanto, essa não é certamente a única posição pensável.

Um militante petista certamente veria no editorial uma expressão de conservadorismo de “O Globo” e uma tentativa de socorrer um aliado natural. É o que podemos constatar facilmente, lendo o editorial da revista “Carta capital” sobre o mesmo tema.

- Editorial “Carta capital”, de 11 de maio de 2012



Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/politica/eternos-chapa-branca>.

“

O jornal O Globo toma as dores da revista Veja e de seu patrão na edição de terça 8, e determina: ‘Roberto Civita não é Rupert Murdoch’. Em cena, o espírito corporativo. Manda a tradição do jornalismo pátrio, fiel do pensamento único diante de qualquer risco de mudança. Desde 2002, todos empenhados em criar problemas para o governo do metalúrgico desabusado e, de dois anos para cá, para a burguesa que lá pelas tantas pegou em armas contra a ditadura, embora nunca as tenha usado (...). A CPI do Cachoeira em potência encerra perigos em primeiro lugar para a Editora Abril. Nem por isso os demais da mídia nativa estão a salvo, o mal de um pode ser de todos. O autor do editorial exhibe a tranquilidade de Pitágoras na hora de resolver seu teorema, na certeza de ter demolido com sua pena (imortal?) os argumentos de Carta Capital. Arrisca-se, porém, igual a Rui Falcão, de quem se apressa a citar a frase sobre a CPI, vista como a oportunidade ‘de desmascarar o mensalão’.

Concentro-me em outras miopias de O Globo. Sem citar Carta Capital, o jornal a inclui entre ‘os veículos de imprensa chapa-branca, que atuam como linha auxiliar dos setores radicais do PT’. Anotação marginal: os radicais do PT são hoje em dia tão comuns quanto os brontossauros. Talvez fossem anacrônicos nos seus tempos de plena exposição, hoje em dia mudaram de ideia ou sumiram de vez. Há tempo, Carta Capital lamenta que o PT tenha assumido no poder as feições dos demais partidos. Vamos, de todo modo, à vezeira acusação de que somos chapa-branca. Apenas e tão somente porque entendemos que os governos do presidente Lula e da presidenta Dilma são muito mais confiáveis do que seus antecessores? Chapa-branca é a mídia nativa e O Globo cumpre a tarefa com diligência vetusta e comovedora, destaque na opção pelos interesses dos herdeiros da casa-grande, empenhados em manter de pé a senzala até o derradeiro instante possível”.

”

Sem entrar no mérito de questões ideológicas, não há como negar que se trata aqui de uma posição absolutamente diversa sobre o mesmo fato. Por que isso acontece nesses dois editoriais?

Porque a *Carta Capital* é uma revista voltada para o público de esquerda, por vezes da esquerda da esquerda, enquanto *O Globo* é antes um jornal de centro e de centro-direita, se é que esses rótulos ainda nos dizem alguma coisa.

Vamos escrever agora o nosso editorial!

Definindo horizontes e abrindo caminhos!

Procure escrever um editorial para o seu próprio jornal sobre o tema da liberação das drogas!

Responda, antes de começar, às perguntas abaixo!

1. A que camada social pertence o público-alvo do seu jornal? Essa pergunta é decisiva para identificar que tipo de linguagem você deve usar, se mais ou menos formal.
2. Que orientação política e ideológica esse público-alvo possui? Essa pergunta é muito importante, porque ela vai lhe orientar na linha de argumentação que você deve tomar.
3. Procure se informar sobre o assunto antes de escrever e defina bem sua posição: pesquise *sites* na Internet e não perca a oportunidade de ler mais sobre esse tema. Esses são os elementos mais importantes de um editorial.

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte



(Show contra a guerra às drogas)

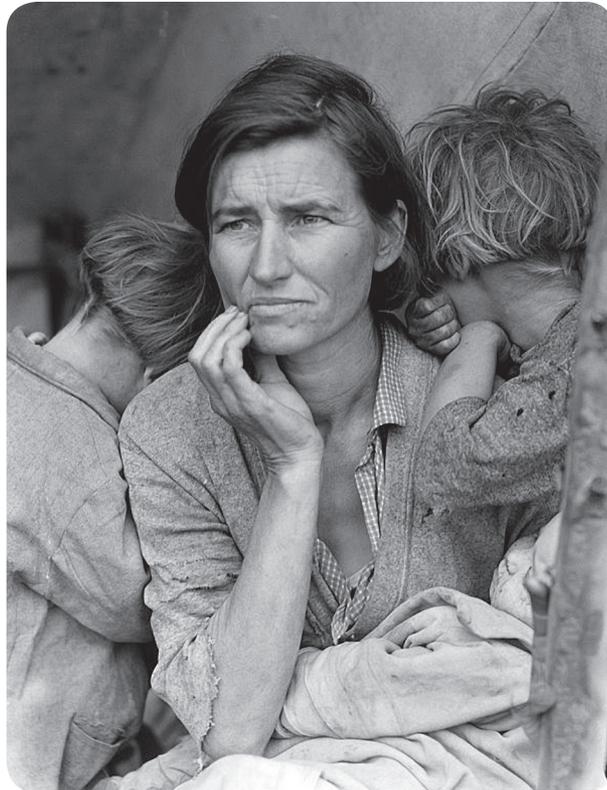


Saiba Mais

Fotojornalismo: As imagens falam mais alto!

Um velho ditado oriental diz que uma imagem fala mais do que mil palavras. Esse ditado encontra um eco imediato no “fotojornalismo”. Em certas fotos de jornais nos sentimos mais próximos das dores humanas e do sacrifício pelo qual passam milhões de pessoas diariamente; em certas fotos, vemos-nos mais próximos de pessoas com as quais não temos senão muito pouco em comum.

Uma mãe imigrante, uma família desfeita por um desastre, a pobreza e a fome, a violência e o medo. Tudo nos toca o coração imediatamente por meio de uma foto. Esse é o poder da imagem jornalística, quando ela sabe captar os momentos dramáticos de nossa existência.



Um bom exemplo de Foto jornalismo – Mãe emigrante – Dorothea Lange 1936 - <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/54/Lange-MigrantMother02.jpg/591px-Lange-MigrantMother02.jpg>

Seção 2

Formalidade e informalidade como elementos centrais de definição do tipo de jornal e de editorial

Pensemos em uma cena cotidiana. Você para diante da banca de jornal e olha para uma série de capas de jornais pendurados pelo jornaleiro. Nessas capas, temos algumas manchetes.

- Em “O Globo” temos: “Obama aposta em latinos e mulheres para animar a base” – Uma reportagem sobre as eleições à presidência nos Estados Unidos da América
- Em “O Dia”, a manchete é: “PMS confessam furto de mochila com 11 mil reais”.
- Por fim, no jornal “Meia-hora”, a manchete diz-nos: “O imperador voltou... a fazer M” – alusão ao fato de Adriano, jogador do Flamengo, ter faltado uma vez mais aos treinos.

O que precisa chamar a nossa atenção nessas três manchetes é antes de tudo para quem a notícia está direcionada:

- No caso de “O Globo”, temos um jornal dirigido fundamentalmente à classe média que procura sempre estar articulada com os acontecimentos no exterior.
- “O Dia”, por sua vez, é mais um jornal de classe média baixa, que tem uma ligação direta com os acontecimentos do Rio de Janeiro.
- Por fim, o jornal “Meia-hora” é um jornal dedicado à classe baixa.

Esse fato repercute diretamente no tipo de linguagem que eles vão empregar. A linguagem de “O Globo” é bastante formal, enquanto a linguagem de “O Dia” fica no meio termo e a do “Meia-hora” é totalmente informal. A própria capa do jornal é preparada de maneira informal, com charges e uso de linguagem de duplo sentido.

O que nós podemos deduzir daqui? Simplesmente, o fato de que quanto mais um jornal aproxima-se das classes C e D, mais ele precisa buscar uma linguagem informal, assim como quanto mais ele se volta para as classes A e B, mais ele se vê diante da necessidade de usar uma linguagem formal.

Será que você consegue identificar essa diferença nos exemplos abaixo?



Identifique a maior e menor presença de linguagem formal e informal, e diga que tipo de jornal está em questão:

- a. um jornal para a classe média e classe alta,
- b. um jornal para a classe média baixa,
- c. Um jornal para a classe baixa.

1. Reportagem de BRUNO TREZENA:



Filas, sofrimento e longa espera para nada em hospitais: Após término de paralisação de enfermeiros, quem buscou marcar tratamentos médicos em unidades federais nesta segunda-feira saiu frustrado:

Rio – Uma, duas, três vans inteiras que fazem simultaneamente trajeto até o Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, saíam nesta segunda-feira de manhã lotadas de pacientes sem conseguir reagendar seus tratamentos médicos. No primeiro dia de funcionamento das unidades federais após a greve da enfermagem, doentes também enfrentaram muita dificuldade para remarcar consultas no Hospital da Lagoa e no Instituto Nacional de Trauma e Ortopedia (Into). Com joelhos inchados, Maria de Lourdes saiu de Angra, mas não conseguiu atendimento no Into (...). A ida até o Cardoso Fontes foi em vão para milhares de pacientes. Às 6h, uma enorme fila formou-se na entrada da unidade, acirrando os ânimos de quem havia madrugado no local. Mesmo enfrentando sono, cansaço e dores, pacientes irritados se desdobravam para buscar informação no ambulatório. 'Tenho sangramento nos seios e preciso de atendimento ginecológico, mas mandaram eu retornar em dez dias para tentar, ainda, agendar', desabafa a dona de casa Avanir Oliveira, de 44 anos (...). O objetivo seria evitar a aglomeração de pacientes no hospital. 'Depois de vir cinco vezes em agosto para tentar agendamento para oftalmologista, me deparo com isso hoje. Não é fácil pra mim', reclama a aposentada Enir Ferraz, de 65 anos.



2.



Para perder a pança: Globo negocia com Ronaldo Fenômeno para que ele participe do 'Medida Certa'

O próximo quadro 'Medida Certa', do 'Fantástico', pode ter um ex-craque suando a camisa para emagrecer. Trata-se de Ronaldo Fenômeno. Segundo a coluna 'Outro Canal', do jornal 'Folha de S. Paulo', a Globo está em uma negociação avançada com o ex-jogador para que ele participe de uma edição especial da atração. Se aceitar o desafio, o esforço de Ronaldo – que aposentou as chuteiras ano passado – para perder os quilinhos a mais será por uma causa nobre:

ficar mais fino para o jogo beneficente entre seus amigos e amigos do craque francês Zinedine Zidane.

”



3.

“

Supremo reforça independência entre Poderes (Editorial):

É raro parlamentares e políticos donos de cargos no Executivo serem julgados e receberem penas na mais elevada Corte do país. O deputado João Paulo Cunha (PT-SP) passou a ser um desses casos raros. Entra para a História como o primeiro ex-presidente da Câmara a ser condenado pelo Supremo, por corrupção, peculato e lavagem de dinheiro. Passa a ser, também, o primeiro político petista graduado punido no julgamento do mensalão (...). Mesmo que nada esteja decidido, pois ministros podem mudar o voto no decorrer do julgamento, a tendência nas votações reforça algo essencial na democracia representativa, a independência entre os Poderes. Não importa qual presidente indica cada ministro: o Supremo, como está sendo demonstrado, tem condições de conduzir um processo como este, de visceral interesse do partido no poder há mais de nove anos, com absoluta seriedade e densidade técnica.

”

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Atividade

3

Vamos montar agora o nosso editorial, voltado para o nosso público-alvo!

Lembre-se que o jornal forma opinião, na mesma medida em que ele procura se afinar com as opiniões de seus leitores. Isso é muito importante para que se crie uma identidade entre o jornal e o leitor!

1. Definição do público-alvo – Classe C e D



Linguagem – Necessariamente informal

Tema – Corrupção no Brasil

2. Definição do público-alvo – Classe A e B



Linguagem – Necessariamente formal

Tema – União Civil Homoafetiva

3. Definição do público-alvo – Classe B/C



Linguagem – Entre o formal e o informal (coloquial e direta)

Tema – Burocracia

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Seção 3

A argumentação em editoriais

O editorial é um tipo de texto peculiar. Como ele expressa a orientação ideológica de um jornal, o modo como o jornal posiciona-se em relação aos acontecimentos e aos problemas do mundo à nossa volta, ele não precisa obedecer a alguns critérios que veremos posteriormente na argumentação de textos científicos, por exemplo.

Em primeiro lugar, a posição inicial do editorial pode ser um juízo de valor, um julgamento próprio do jornal ou do pessoal da redação sobre quais são as nossas dificuldades e qualidades.

Em segundo lugar, esse juízo de valor não precisa ser demonstrado por meio de argumentos, mas ele pode ser simplesmente apresentado para o leitor, uma vez que ele conta com o fato de que o leitor compartilha da mesma posição.

Por fim, a conclusão de um editorial não tem de ser uma espécie de coroamento da argumentação anterior. Ela pode ser simplesmente um resumo da posição inicial.

Vejamos um exemplo retirado do editorial do jornal “Estado de São Paulo” do dia 25 de agosto de 2012 (<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/1143114-editorial-greve-contra-o-publico.shtml>):



Greve contra o público: Enquanto se disseminam as paralisações e operações-padrão de funcionários públicos federais, multiplicam-se os prejuízos à população (...). Servidores públicos gozam de regalias, como estabilidade e rendimentos acima da média (...). Da onda paredista, contudo, ainda pode emergir algo de positivo, se Congresso e governo federal finalmente regulamentarem o direito de greve no funcionalismo. A necessidade de uma lei específica para isso é exigência da Constituição, mas desde 1988 nada se fez. Coube ao Supremo Tribunal Federal fechar parcialmente a lacuna. Em 2007, a corte estendeu para o funcionalismo a Lei de Greve do setor privado. Foi um avanço. A decisão explicitou que servidores também têm assegurado o direito de fazer greve, mas prescreveu que esta deve seguir regras – por exemplo, quanto à prestação de serviços essenciais e ao desconto de dias não trabalhados. As paralisações atuais mostram que a iniciativa do STF não bastou. A Lei de Greve, por não regular as relações no setor público, é omissa (...). Dificilmente, os legisladores encontrarão momento mais oportuno do que este para corrigir uma omissão que já dura 24 anos.



Não gostaria de discutir se o jornal está certo ou errado. Como vimos até aqui, cada jornal fala para o seu público-alvo que tende a compartilhar das mesmas posições. Nesse sentido, todo jornal está sempre “certo” ao expor sua opinião e ao tentar dar mais elementos para que seus leitores defendam as suas. O que nos importa é perceber aqui a estrutura do editorial. Ela divide-se em três pontos:

- **Posição inicial:** O título do editorial não deixa qualquer dúvida de que ele é contra as greves no serviço público. *Contra o público* é uma expressão que procura mostrar exatamente o fato de que as greves no serviço público causam danos para o público. A posição do editorial, contudo, vai além dessa primeira posição negativa, porque ela afirma ser possível retirar algo de bom daí: a regulamentação do direito de greve do serviço público.
- **Argumentação de reforço:** os argumentos de reforço são todos baseados no fato de a constituição brasileira de 1988 prever a necessidade da regulamentação do direito de greve para o serviço público e de essa regulamentação ter ficado até aqui restrita à intervenção do Supremo Tribunal Federal (STF).
- **Conclusão:** O momento atual é o mais propício para realizar a regulamentação, porque estamos todos à mercê das greves no serviço público.

Para vocês verem como essa não é a única posição possível, eis aqui um editorial que assume a posição exatamente contrária.

O editorial foi publicado no dia 30 de agosto de 2012 pelo site da Causa Operária Online (http://www.pco.org.br/conoticias/imprimir_materia.php?mat=37809):



Governo do PT ataca o direito de greve dos trabalhadores: *O governo Dilma está implementando a política da direita e do imperialismo, uma vez que os partidos tradicionais da burguesia brasileira, PSDB e DEM, estão em uma crise terminal. Essa política inclui atacar as greves e ampliar a privatização dos serviços públicos do País, como os aeroportos. No que diz respeito às greves, a classe operária brasileira está começando a se levantar contra o governo do PT e este tem reagido de forma extremamente truculenta (...). 'Nós todos, o Brasil inteiro precisa, essa é uma necessidade. Tem projeto já tramitando e com certeza os parlamentares vão ter condições de debater a aprovar a matéria', disse a ministra Ideli Salvati, referindo-se aos projetos que tramitam no Congresso que pretendem acabar de vez com o direito de greve, que já é quase inexistente, diante da lei antigreve de Lula, aprovada na década de 90 (...). O governo ainda declarou que os servidores terão de repor os dias parados e algumas categorias chegarão a ter corte do ponto. O tratamento do governo com as diversas categorias que entraram em greves nos últimos anos é de total truculência, atendendo aos pedidos da direita para reprimir com violência as greves.*



É impressionante como podem surgir posições tão opostas. De qualquer modo, esse editorial também obedece às mesmas características do texto do Estado de São Paulo.

Posição inicial: O título do editorial não deixa tampouco alguma dúvida quanto ao fato de que ele é a favor do direito de greve e de que ele considera a ação do governo um ataque aos trabalhadores.

Argumentação: A argumentação é completamente emotiva e apela para o direito de greve como forma de luta contra o imperialismo, o liberalismo de direita, a avidez dos grandes capitalistas.

Conclusão: A truculência não é dos grevistas, mas do governo, que se deixou influenciar pelas forças de direita.

E você? Como você se posiciona em relação à greve do serviço público?

Faça o editorial de seu jornal, tomando uma posição sobre a questão da greve dos funcionários públicos. Lembre-se que a definição de seus leitores é muito importante.

Siga os passos abaixo:

Posição inicial:

Argumentação:

Conclusão:



Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Seção 4

As vozes verbais a partir de textos jornalísticos de opinião e a voz passiva sintética.

O que são vozes verbais? Vozes verbais são modos de determinação do verbo que indicam se o sujeito realiza ou sofre a ação de um verbo.

Três são as vozes possíveis:

- voz ativa, quando o sujeito realiza a ação do verbo,
- voz passiva, quando o sujeito sofre a ação do verbo.
- voz reflexiva, quando o sujeito exerce e sofre a ação do verbo.

Por exemplo:

O governo ainda declarou que os servidores terão de repor os dias parados e algumas categorias chegarão a ter corte do ponto.

Os três verbos sublinhados acima estão todos na voz ativa, uma vez que o sujeito de cada oração realiza a ação do verbo:

- o governo declara,
- os servidores terão que repor os dias parados e
- algumas categorias chegarão a ter corte de ponto.

Poucos esforços foram feitos para que os problemas com as chuvas não se repetissem, mas a tragédia final não foi evitada.

No caso acima, ao contrário, o sujeito não realiza a ação, mas sofre a ação do verbo.

Não são os esforços que fazem algo, mas eles são feitos, assim como não é a tragédia que evita algo, mas é ela que é ou não é evitada.

Nós nos alegamos muito com a chegada do inverno, porque nos sentimos bem melhor no frio do que no calor.

Nesse caso, o sujeito não apenas exerce a ação de alegrar e de sentir, mas também é ele que sofre o efeito da ação: ele se alegre e se sente.

Passa as frases abaixo da voz ativa para a voz passiva.

Orienta-se pelo exemplo abaixo:

O time ganhou (voz ativa) o jogo, apesar de ter saído em desvantagem.

O jogo foi ganho (voz passiva) pelo time, apesar de ter saído em desvantagem.

1. Nós compramos o terreno depois de muito sacrifício.
2. As ondas arrasaram a cidade em menos de 10 minutos.
3. João leu duas vezes o livro e adorou.
4. Darwin descobriu novas espécies em sua viagens pelo mundo.
5. O arquiteto reformou completamente a casa.

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte



Bem, mas há ainda uma outra forma de construir a voz passiva, chamada de voz passiva sintética.

O que é a voz passiva sintética?

Como o nome mesmo diz, ela é uma voz passiva não desdobrada, mas concentrada.

Não se usa aqui o verbo ser (verbo auxiliar) + o verbo principal no particípio, mas se emprega antes a partícula “se”.

Consideremos alguns exemplos:

O carro foi comprado (voz passiva analítica)

Comprou-se o carro (voz passiva sintética)

Se você olhar bem, não há qualquer diferença entre as duas orações. Nos dois casos, o carro sofre a ação e não a realiza.

Isso acontece, por outro lado, sempre que se tem um verbo transitivo direto na terceira pessoa do singular.

Dito de maneira mais simples, sempre que se tem uma ligação direta entre o verbo e o seu objeto e a partícula “se”.

Vamos fazer alguns exercícios para nos familiarizarmos com a voz passiva sintética?



Transforme as orações da voz passiva sintética para a voz passiva analítica: Vejamos mais um exemplo antes disso!

Consertam-se cadeiras = cadeiras são consertadas

1. Vendem-se casas.
2. Compram-se carros.
3. Procura-se vendedor com experiência.
4. Alugam-se vestidos de noiva.
5. Ensinam-se português e matemática.
6. Definição do público-alvo – Classe B/C

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Resumo

A unidade 6 tratou do coração e da alma de um jornal: de seu editorial. Nós falamos de muitas coisas e procuramos mostrar o poder e a diversidade com que todo jornal alimenta-se. A construção da opinião, a definição do público-alvo, a orientação em termos de ideias e posições: tudo isso marcou nosso caminho na presente lição, sempre em torno do núcleo temático “editorial”. Nós vimos várias coisas a partir do editorial:

Nós vimos como o editorial possui muitas faces e como ele se altera tanto em relação ao editorial central e aos editoriais setoriais, quanto em relação ao público alvo do jornal.

Nós acompanhamos em seguida a relação entre linguagem formal e informal e a classe social, e o horizonte cultural do leitor.

Após identificarmos essa relação, passamos a considerar o tipo de argumentação que está presente nos editoriais.

Por fim, em nossa seção de gramática, consideramos as vozes verbais ativa e passiva, assim como a estranha voz passiva sintética.

Veja ainda

Dicas de leitura e de cinema: ler e pensar são os temas da presente lição. Por isso, livros e filmes sobre ideologia são uma dica perfeita aqui. Não perca a oportunidade de ir além!

1. Marilena Chauí. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
2. Phil Rosenzweig. *Derrubando mitos*. São Paulo: Abril, 2008.
3. Os invasores de corpos – Filme de 1978 com Donald Sutherland e Jeff Goldblum, dirigido por Philip Kaufman.

Referências

1. BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. Rio de Janeiro: Ática, 2007.
2. CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
3. CUNHA, Celso. **Nova gramática do português**. São Paulo: Editora Lexikon, 2008.

4. GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação**. São Paulo: Editora Pontes, 2001.
5. ROSENZWEIG, Philip. **Derrubando mitos**. São Paulo: Abril, 2008.

Imagens



- Acervo pessoal • Sami Souza



- <http://www.sxc.hu/photo/859634>



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Johannes_Gutenberg.jpg



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:O-globo-logo-principal.jpg>



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:CartaCapital.jpg>



- www.flickr.com/photos/neontommy/6316412810/sizes/m/in/photostream/



- <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/54/Lange-MigrantMother02.jpg/591px-Lange-MigrantMother02.jpg>



- <http://www.sxc.hu/photo/517386>



- http://www.sxc.hu/985516_96035528

Atividade 1:

1. Se o seu público-alvo estiver nas classes A e B, o editorial precisa ser formal; se ele estiver nas classes C e D, a linguagem deve ser mais informal.
2. Se os leitores forem mais conservadores, a questão da liberalização das drogas não pode ser discutida senão criticamente; se eles forem moderados, você pode apresentar argumentos pragmáticos sobre em que medida a liberação das drogas diminui a periculosidade e os efeitos nocivos das drogas sobre nós; se eles forem muito revolucionários, você tem de defender a liberação e atacar o conservadorismo de quem defende a proibição com argumentos religiosos ou tradicionais.
3. Procure embasar sua posição na sua pesquisa sobre o tema.

Atividade 2

1. B (um editorial para a classe média baixa – você identifica isso pelas pessoas que sofrem com os problemas da saúde pública e com o caos nos hospitais públicos);
2. C (a matéria é toda bastante informal e já no título fala diretamente para as pessoas mais humildes);
3. A (um editorial para a classe A e B (o editorial trata de um tema mais complexo – a autonomia dos três poderes – de uma maneira densa e forma). (Como a indicação do endereço do *site*, resolveria a questão, deixamos para o campo das respostas essa indicação: (<http://odia.ig.com.br/portal/rio/filas-sofrimento-e-longa-espera-para-nada-em-hospitais-1.484786>; http://www.meiahora.ig.com.br/noticias/para-perder-a-panca_6207.html; <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2012/08/31/supremo-reforca-independencia-entre-poderes-editorial-463060.asp>)

Atividade 3

1. Tratar do tema da corrupção no Brasil para a classe C e D exige uma linguagem bem direta, que torne possível para as pessoas compreenderem concretamente o quanto elas





sofrem por meio da corrupção. As pessoas precisam se sentir efetivamente roubadas e escapar da imagem de que o dinheiro público é dinheiro de ninguém;

2. Escrever sobre o tema do casamento homossexual para a classe A e B significa tratar da questão de maneira meramente formal. Como o preconceito é crime e como a unidade civil estável existe, não há como assumir uma posição aqui negativa. É preciso apresentar aqui os direitos de pares homossexuais estáveis e a necessidade de o Estado proteger esses direitos;
3. Por fim, como o público-alvo é a classe B/C, o tema da burocracia precisa ser analisado aqui a partir de exemplos concretos, de situações nas quais as pessoas sofrem diretamente com os efeitos da burocracia. Pense nos cartórios e na dificuldade de ver um processo andar, na lentidão da justiça e nos casos estranhos de pessoas vivas que precisam provar que não estão mortas.

Atividade 4

Posição inicial: A sua posição pode ser próxima da do Estado de São Paulo ou da do editorial da Causa Operária Online, ou ela pode ser ainda construída entre as duas. Nesse caso, você não ataca, nem defende a greve, mas vê o lado dos grevistas e da população.

Argumentação: Para as duas primeiras possibilidades, os argumentos já se encontram presentes nos textos dos editoriais expostos. Para a terceira, basta levantar o que leva as pessoas à greve, o que há de justo nessa necessidade e por que a greve é o único recurso. Ao mesmo tempo, você não pode desconsiderar o quanto as pessoas comuns são lesadas pelas greves no serviço público. Com isso, você poderia sugerir formas alternativas de protesto e definições de rodízios de trabalhadores.

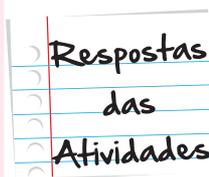
Conclusão: Sua conclusão precisa nesses três casos ser coerente com a posição que você tiver tomado em relação à greve. Se você for contra a greve, você deve concluir com uma posição firme e com uma demonstração dos danos que a greve causa. Se você for a favor, você tem de mostrar como a greve é, por exemplo, o único recurso do trabalhador. Se, por fim, você tomar a terceira posição, basta fechar o texto com uma pequena síntese de suas posições anteriores.

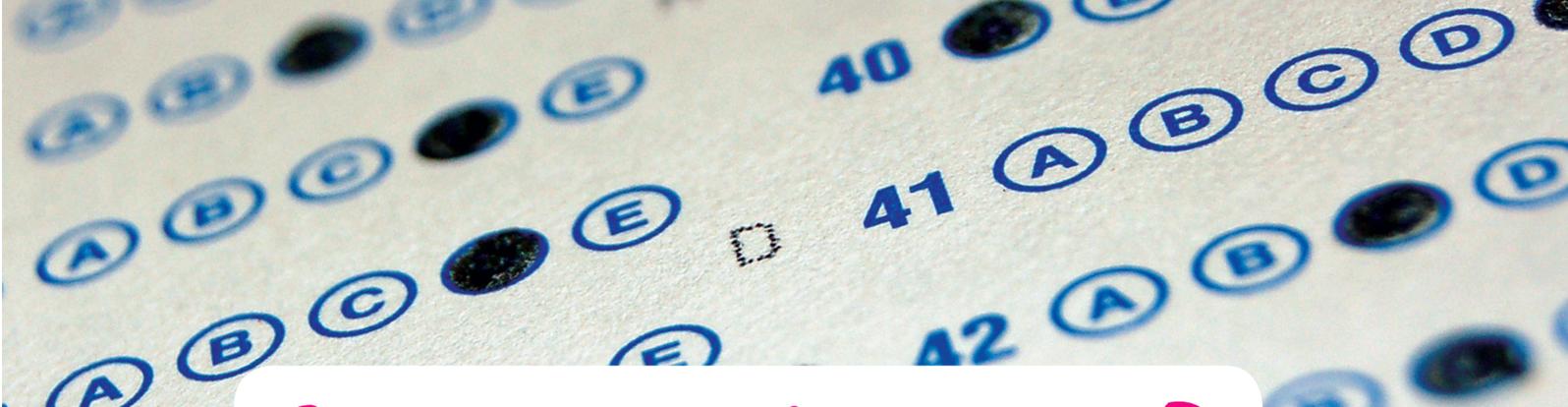
Atividade 5:

1. O terreno foi comprado por nós depois de muito sacrifício;
2. A cidade foi arrasada pelas ondas em menos de 10 minutos;
3. O livro foi lido duas vezes por João e ele adorou;
4. Novas espécies foram descobertas por Darwin em sua viagens pelo mundo;
5. A casa foi completamente reformada pelo arquiteto.

Atividade 6

1. Casas são vendidas;
2. Carros são comprados;
3. Vendedor com experiência é procurado;
4. Vestidos de noiva são alugados;
5. Português e matemática são ensinados.





O que perguntam por aí?

Prova: CESGRANRIO - 2010 - Petrobrás - Todos os Cargos - Nível Superior - Conhecimentos Básicos/Português/ Vozes do verbo

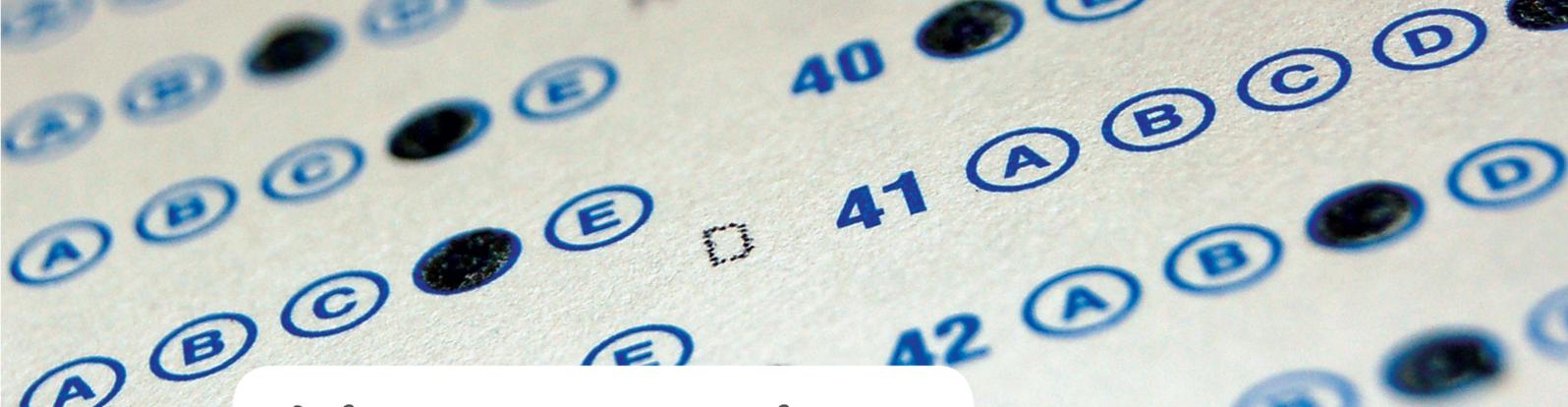
Transpondo-se o trecho “O futuro é construído a cada instante da vida,” para a voz passiva sintética, tem-se a forma verbal:

- a) constrói-se.
- b) construiu-se.
- c) há de ser construído.
- d) pode ser construído.
- e) foi construído.

Resposta: Letra A

Comentário: Pois “é construído” encontra-se no presente e a forma da voz passiva sintética no presente é nesse caso “constrói-se”.





Atividade extra

O espírito e a alma de um jornal: rumo aos editoriais

Como você já sabe, o editorial é um gênero textual jornalístico, de caráter opinativo, geralmente impessoal, com intenção persuasiva e expressa a opinião do jornal ou da revista que o veicula. Você vai ler dois editoriais e refletir sobre a organização, o tema e a linguagem empregada neles.

Editorial

Março desponta ainda um tanto tímido no calendário de 2009, espreguiçando-se de fevereiro. As aulas definitivamente recomeçam, e do carnaval o único legado são algumas lembranças. Mas, por isso mesmo, é também um mês de renovação, de novas expectativas, tempo propício para colocar a esperança para render juros selvagens no universo paralelo da especulação. Isso me lembra meu velho, um senhor supimpa que a vida ensinou a chicote, e que só não adotou o masoquismo como bandeira de salvação porque a perseverança sempre foi um de seus maiores e mais admiráveis dons; por fim, ele sempre me dizia: “não basta ser bom, é preciso ser o melhor”. O melhor, nesses tempos estranhos, talvez seja o menos pior. Mas Hunter Thompson escreveu: “quando as coisas ficam estranhas, os estranhos viram profissionais”. É possível que isso explique por que o nerd que sentava ao seu lado na época da faculdade – aquele mesmo, que atolou toda a vida social na lápide de um blog assinado por um pseudônimo – hoje ganhe 15 vezes mais que você para trabalhar em casa, de cueca, três horas por dia. Esta é nossa primeira edição na tão aguardada Era de Aquários: os astros conspiram, baby; conpiremos nós também, pois.

Revista UP!- Jovem inteligente. Ano 3, no. 16, 2009. Adaptado.

Disponível em <http://www.esade.edu.br/esade/user/file/Provas-ENEM/LINGUAGENS-CODIGOS-e-suas-tecnologias.pdf>

Questão 1

O segmento que revela explicitamente que o texto se destina a jovens universitários ou que já fizeram curso superior é:

- a. “As aulas definitivamente recomeçam, e do carnaval o único legado são algumas lembranças.”
- b. “Tempo propício para colocar a esperança para render juros selvagens no universo paralelo da especulação.”
- c. “A perseverança sempre foi um de seus maiores e mais admiráveis dons.”
- d. “Que isso explique porque *onerd* que sentava ao seu lado na época da faculdade ganhe 15 vezes mais que você.”

Editorial

A área cultivada em todo o mundo com lavouras transgênicas passou de 1,7 milhão para 81 milhões de hectares, e esse crescimento acelerado não dá mostras de perder força. No Brasil, a primeira lavoura geneticamente modificada, que é a soja, foi adotada de maneira tão entusiástica pelos agricultores que o governo, em face da demora na aprovação de legislação adequada, viu-se obrigado por três anos consecutivos a aprovar o seu plantio por medidas provisórias.

O entusiasmo se explica pela maior lucratividade. Por requerer menos uso de agrotóxicos, o cultivo da soja transgênica é mais barato e, portanto, mais vantajoso. Naturalmente, é também melhor para o meio ambiente, embora ainda sejam levantadas dúvidas por ambientalistas radicais, que exigem testes e estudos adicionais. O mesmo ocorre no que diz respeito aos efeitos sobre a saúde, ainda que nos Estados Unidos (e também aqui, embora muitos consumidores não o saibam) produtos transgênicos de todo tipo estejam sendo consumidos há oito anos sem que se percebam efeitos deletérios.

Não há por que se opor a novos testes – desde que o plantio não seja suspenso, nem se imponham obstáculos à pesquisa de novas sementes pela Embrapa. E o mesmo realismo que forçou o governo a liberar o plantio obriga a reconhecer que o progresso representado pela transgenia é irreversível. Se forem constatados efeitos negativos, o que pode ser implausível, mas não é impossível, é questão de sensatez buscar meios de reduzi-los ao mínimo – sem abrir mão dos transgênicos e das vantagens ambientais e econômicas que eles proporcionam.

O Globo, Rio de Janeiro, 23 de maio, 2005.

Questão 2

Esse texto compreende três parágrafos. Qual é a mensagem apresentada em cada um?

Resposta:

Questão 3

A linguagem apresentada nos dois editoriais lidos está de acordo com a variedade padrão formal da língua portuguesa e a voz verbal empregada é a voz ativa. Qual é o tempo e o modo verbais mais frequentes nesses textos?

Texto para os itens 1 e 2 – Equívocos e contradições

O debate sobre “redução da maioria penal”, por ser um tema novo no Brasil, está patinando em dois equívocos: tanto os que são a favor quanto os contrários reagem pressupondo que adolescentes seriam julgados como adultos e cumpriram penas em penitenciárias de adultos. Não é assim que funciona na maioria dos países com idade penal abaixo dos 18 anos.

Portanto, não se trata exatamente de reduzir a maioria penal de 18 anos, mas de introduzir a responsabilidade criminal abaixo dessa idade, e para autores de crimes violentos, que seriam julgados por tribunal específico, com direito e defesa, e a eventual pena seria cumprida numa instituição juvenil, mantendo-se a assistência socioeducativa prestada atualmente.

Outro equívoco, ou falácia, é dos oponentes da mudança: criticam a responsabilidade penal como se fosse extinguir as demais ações já existentes. Óbvio que seria um complemento. Da mesma forma que as causas da violência urbana são várias, também são múltiplas as soluções, inclusive no âmbito penal.

TÉRCIO, Jason. **O globo**, 12/06/2013, p. 21. Adaptado.

Questão 4

A estratégia argumentativa empregada no texto para defender a tese de que há contradições quanto ao posicionamento sobre a maioria penal é que

- a. os que são contra reduzir a maioria penal continuam a julgar aqueles que têm idade abaixo de 18 anos como crianças que precisam ser socializadas e jamais punidas.
- b. os que são a favor e os que são contra essa ideia supõem que os infratores seriam submetidos a julgamentos exatamente como aos de adultos.
- c. os contrários e os favoráveis à mudança da maioria penal consideram que haverá uma transformação radical no tratamento dos adolescentes.
- d. a maioria penal aos 18 anos é um direito intocável do menor, impossível de mudar, portanto essa redução não deve entrar em discussão.

Questão 5

Por que esse texto é considerado um artigo de opinião?

Resposta:

Questão 6

O tempo verbal mais frequente nesse texto é o

- a. futuro do pretérito do indicativo
- b. imperfeito do subjuntivo
- c. presente do indicativo
- d. imperativo afirmativo

Gabarito

Questão 1

- A** **B** **C** **D**

Questão 2

O primeiro parágrafo refere-se ao cultivo dos transgênicos no mundo e mostra a posição do Brasil ao aprovar o cultivo da soja transgênica por meio de medidas provisórias. O segundo parágrafo justifica tal atitude com uma série de argumentos favoráveis, como as vantagens na área da economia, do meio ambiente e de saúde, além do tempo de cultivo – oito anos. O último parágrafo deixa clara a posição do jornal, favorável ao cultivo de transgênicos. Com linguagem persuasiva, o texto procura convencer o leitor da veracidade dos argumentos apresentados.

Questão 3

A maioria dos verbos dos dois editoriais está no tempo presente do modo indicativo, predominantemente na 3ª. pessoa. Isso ocorre com muita frequência porque o editorial busca o máximo de objetividade e impessoalidade.

Questão 4

- A** **B** **C** **D**

Questão 5

Porque não expõe os fatos de forma isenta, mas defende uma opinião, apresentando argumentos para sustentá-la.

Questão 6

- A** **B** **C** **D**

